



latente nesta comunidade: “Viver pacificamente e trabalhar”.

Olho para o negócio

O ‘Buddha Oriental’ – um dos locais onde trabalham os irmãos Sandesh e Bhumi Sapkota – é um pequeno supermercado, situado na Rua Latino Coelho, no Funchal. Ali é possível encontrar produtos indianos, nepaleses e ingredientes para sushi. É um exemplo do pequeno comércio que vai surgindo com a imigração.

“Nós trabalhamos normalmente num restaurante, no Lido. Abrimos este supermercado, porque muitas pessoas que vêm da Ásia não encontram os ingredientes que precisam para cozinhar no Pingo Doce (...). Nós gostamos da comida mais picante e de especiarias. Aqui tenho piri-piri do Nepal, da Índia, do Bangladesh e do Paquistão. Também temos vários chás, porque aqui normalmente só vendem pacotes e nós vendemos ao quilo. São coisas um pouco diferentes”, ilustra Sandesh, que identificou aqui uma dupla oportunidade de negócio.

“Nós sabemos como elas comem e, depois, também temos um restaurante e precisávamos de trazer

“AQUI POSSO TER AS PORTAS ABERTAS ATÉ À MEIA-NOITE E SINTO-ME SEGURO”, AFIANÇA AL-AMIN



No supermercado ‘Buddha Oriental’ é possível encontrar produtos indianos, nepaleses e ingredientes para sushi. Já no ‘Blangla Bazar’ misturam-se produtos regionais com sabores asiáticos. É o pequeno comércio que vai surgindo com a imigração. O dono, Al-Amin, diz que em Lisboa temeria ser assaltado. FOTOS RUI A. SILVA/ ASPRESS

as coisas de Lisboa. Por causa disso, vendemos para as pessoas e também para restaurantes [asiáticos]”, complementa.

Será que os locais compram? “Como, até há dois anos, não havia muita imigração aqui na Madeira, as pessoas olham [para o estabelecimento] como algo diferente e quando chegam à porta – sejam portugueses ou outros europeus – perguntam-nos se podem entrar”, relata o responsável e assegura que

no ‘Buddha Oriental’ todos são bem-vindos.

Não muito longe, na Rua 31 de Janeiro, fica o ‘Blangla Bazar’, onde os produtos regionais se misturam com os sabores do Bangladesh (de onde é natural o dono) e dos países vizinhos.

“Tem biryani [uma espécie de prato de arroz] que é algo muito tradicional [sobretudo na Índia e no Paquistão]”, aponta Al-Amin, de 40 anos, que chegou no ano passado à Região. “Eu vim para Madeira em 2023. Este lugar é bom, é bonito e há segurança”, realça.

Al-Amin, que já viveu no Porto e em Lisboa, confessa que na capital portuguesa não arriscaria ter um estabelecimento como este, por temer ser assaltado.

“Lisboa é um pouco mais violenta, hoje em dia vejo muitos crimes. Vêm uns com spray e atingem as pessoas na cara, partem os vidros nas lojas, assaltam bancos, roubam telemóveis (...). “Aqui posso ter as portas abertas até à meia-noite e sinto-me seguro”, reitera.

O ‘boom’ do Turismo no pós-pandemia, também potenciou o aparecimento de outros ‘nichos de mercado’, que alguns imigrantes do

Sudoeste asiático souberam aproveitar. É o caso de Mandeep Jhinger, uma jovem tailandesa, de 23 anos, que veio com a mãe e uma colega terapeuta para abrir um centro de massagens, na Rua Dr. Fernão Ornelas.

“Abrimos no ano passado. Nós temos experiência com este tipo de terapias e para o nosso negócio é conveniente um local com muitos turistas. Daí termos escolhido a Madeira. É um destino muito bonito e bom para os turistas”, sublinha Mandeep.

Ao que parece a massagem tailandesa tem ganho adeptos por cá. Na Baixa do Funchal já há, pelo menos três, centros de thai massage.

“O preço das casas não subiu por nossa causa”

Emigrar nunca é uma decisão isenta de sacrifícios. Quando lhe perguntamos como foi abandonar o seu país, o sorriso de Sudeep esmorece: “Foi difícil deixar a minha família [no Nepal]”, conta. “Mas planeio trazê-los”, apressa-se a completar, com renovado brilho nos olhos.

O mesmo sonho é partilhado por Al-Amin, que para trás, no Bangladesh, deixou a mulher e filhos pequenos (o mais novo com pouco mais de um ano). Devido às seis horas de diferença horária, falar com a família é um exercício matemático: “Falo com eles duas ou três vezes por dia. À noite deito-me e ligo-lhes e, no dia seguinte de manhã, a minha esposa liga-me”, descreve.

Al-Amin divide casa, no Funchal, com outros três compatriotas, para amenizar o preço da renda. No próximo ano, gostava de mandar buscar a família, mas “um T3 ou T2 é muito caro”, lamenta.

Sandesh revela, a propósito, que o salário de um imigrante que trabalhe num hotel de quatro ou três estrelas “ronda os 800 euros” e “um pouco mais”, num de cinco. Os grandes grupos hoteleiros permitem, inclusive, aos trabalhadores morar no hotel, no seu primeiro ano na ilha. Após este período, as coisas complicam-se. “Para quem é solteiro e não tem filhos, como eu, é mais fácil partilhar uma casa. Se forem quatro pessoas num T1, contando com a electricidade e a Internet, fica a 250 euros”, estima. Para quem quer trazer a família “é mais difícil”, corrobora.

As questões da habitação são um drama partilhado com os locais, que se reflecte numa menor tolerância para com os imigrantes da região do Indostão, ao contrário do que acontece, por exemplo, com os residentes estrangeiros dos países ocidentais. “Quem compra casas de luxo? Não são os portugueses, nem os nepaleses ou os indianos”, observa Sandesh. “O preço das casas não subiu por nossa causa”, reforça o imigrante. O apelo é silencioso, mas nas entrelinhas lê-se qualquer coisa como: “Não somos, nem queremos ser, um problema”.



Turismo também potencia negócios como o de Mandeep; na Baixa do Funchal já há, pelo menos três, centros de massagem tailandesa.